

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



“Eu antes não enxergava”. Maria de Jesus, de 48 anos | Foto: Mayara Medeiros/[gl](#)

Bem-dito legado – Resenha de *Heranças educativas do analfabetismo de mulheres*, de Mariléia Gollo de Moraes e Maria Simone Vione Schwengber

Mikaelly Santos (UFS)

Resumo: *Heranças educativas do analfabetismo de mulheres*, de Mariléia Gollo de Moraes e Maria Simone Vione Schwengber, busca compreender como mulheres analfabetas transmitem heranças educacionais às filhas. O texto sobrecarrega o leitor com termos não traduzidos e estrutura densa, mas destaca-se positivamente pela clareza conceitual e rigor metodológico.

Palavras-chave: analfabetismo; heranças educativas; mulheres; escolarização; Educação de Jovens e Adultos.

O livro *Heranças educativas do analfabetismo de mulheres*, de Mariléia Gollo de Moraes e Maria Simone Vione Schwengber, foi lançado em 2020 pela editora Appris, com o objetivo de problematizar e responder como as mulheres que se declararam analfabetas inscrevem suas heranças na sociedade centrada na escrita, bem como compreender o que se aproxima ou se distancia da trajetória de vida dessas mulheres em relação à educação de suas filhas. O livro é prefaciado pelo doutor em Educação e professor titular dos cursos de graduação e pós-graduação do Campus de Erechim Arnaldo Nogaró, que destaca a importância da questão abordada pelo livro: a transmissão ou as implicações intergeracionais do analfabetismo, as vivências dos analfabetos e a história das pessoas e das famílias conviventes com eles.



Mariléia Gollo de Moraes é doutora em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Nordeste do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e professora do Instituto Federal Farroupilha - Câmpus Santo Augusto (IFFAR) e investiga mulheres e heranças educativas, educação de jovens e adultos, alfabetismo e analfabetismo, educação popular e cidadania. Maria Simone Vione Schwengber é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora assistente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Seus principais temas de interesse acadêmico são: educação física, corpo, gênero, saúde e corpo-movimento.

O livro é dividido em um trecho denominado seis capítulos e possui 153 páginas. A obra inicia-se com uma apresentação geral do encontro das autoras e de como elas decidiram escrever juntas, seguida de um resumo dos cinco capítulos e da apresentação do objetivo da pesquisa. No capítulo primeiro, somos apresentados às ideias de construção de gênero, de comportamentos masculinos e femininos, e ao papel imposto às mulheres na sociedade. Também é explicado o programa Mulheres Mil, uma ação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, em parceria com o Ministério da Educação, que visa ampliar a oferta de educação profissional para mulheres em situação de pobreza, especialmente as atendidas pelo Bolsa Família. O capítulo também apresenta o grupo focal da pesquisa: sete mulheres egressas do Programa Mulheres Mil de 2013, e a hipótese de trabalho: o discurso como algo controlado, selecionado e redistribuído por diversos processos. Para elas, o discurso impõe regras que limitam quem pode falar. A produção dos dados envolveu 200 mulheres egressas do curso de qualificação em produção alimentícia do IFFAR. Foi analisada a documentação das alunas, verificando-se quantas se declararam analfabetas na matrícula. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas e transcritas, e duas mulheres foram escolhidas para investigação mais aprofundada, com base em critérios como ter filha mulher e falar frequentemente sobre essa relação. A pesquisa é qualitativa, e os roteiros de entrevista foram elaborados para abordar a trajetória de vida e escolar das participantes, além de visar compreender as heranças educacionais das mulheres.

No segundo capítulo do livro, somos apresentados às diversas formas de entender a herança, com ênfase na proposta das autoras: a herança como uma relação com o outro, algo transmitido que pode ser aceito, questionado, reproduzido ou rompido. Ela é vista como uma pergunta deixada ao outro, com a resposta sempre sendo do herdeiro. O capítulo também aborda o contexto histórico que possibilitou o acesso das mulheres à escola e as vivências específicas das sete participantes da pesquisa nesse cenário. São apresentados dados sobre o analfabetismo de homens e mulheres, a participação feminina em trabalhos informais, a divisão de tarefas domésticas e o avanço da escolarização feminina em relação à masculina. As autoras destacam que a pesquisa confirma as

estatísticas de maior analfabetismo entre os mais velhos, com as participantes desta pesquisa, uma delas 45 anos, e as demais mais de 60 anos. Também são discutidas diversas concepções teóricas sobre analfabetismo e alfabetismo.

O terceiro capítulo do livro destaca a relevância da pesquisa ao mostrar como ela se aproxima e se distancia das demais já produzidas, conceituando geração, situações, conjuntos e unidades de gerações, além de relações intergeracionais, heranças educativas e suas influências na escolarização. As autoras também expõem a ideia de transgeracionalidade, fenômeno de transmissão familiar, que estuda como padrões familiares se repetem de uma geração a outra através da interação familiar. Elas defendem que é preciso pensar a vida a partir da herança, recebendo-a, filtrando-a, interpretando-a e transformando o legado familiar. Elas nos apresentam a ideia de inscrever heranças como uma grande responsabilidade de decidir se as tradições de seus antepassados, que conseguiram ou não se sobrepor à pobreza, serão continuadas ou não.

No quarto capítulo, as autoras aprofundam as narrativas de duas das sete mulheres entrevistadas anteriormente, Isaura e Dalva, analisando a constituição de suas famílias e a inscrição das heranças educativas em relação às suas filhas. As narrativas seguem uma orientação não linear do tempo, refletindo as vivências e opiniões das entrevistadas. Para conhecer melhor essas mulheres, seu grau de alfabetização e os padrões familiares, apresenta-se um organograma com os dados das filhas, netas, suas idades, escolaridades e os motivos de desistência escolar. As autoras destacam que, segundo sua pesquisa, quanto maior a escolarização dos pais, mais tempo as filhas e filhos permanecem na escola.

No quinto capítulo, discutem-se as condições em que as mulheres analfabetas Dalva e Isaura inscreveram suas heranças educativas, explorando o discurso de “dar às filhas o que não tiveram”. As autoras analisam os elementos da herança familiar que essas mulheres valorizam e mantêm, como o respeito nos relacionamentos, e aqueles que não desejam repetir. As mulheres projetam uma compensação, desejando que suas filhas tenham melhores oportunidades educacionais e profissionais. Sentem orgulho de afirmar que não há diferenças entre elas, especialmente nos valores familiares herdados dos pais. Vemos que a redução das desigualdades escolares depende do capital cultural familiar, da posição de cada filho na família e da postura em relação à escolarização, como o acesso a materiais adequados, apoio familiar, políticas públicas e a vontade de continuar os estudos. As mães, que herdaram o analfabetismo, inscreveram o incentivo à escolarização como herança para suas filhas. Essas, por sua vez, acolheram essa herança e superaram as mães em níveis de escolaridade, mesmo que modestamente. Esse avanço educacional pode ser observado na ascensão escolar das filhas e netas, que superam suas mães em uma ou duas séries, devido à herança do incentivo educacional, capital cultural ou políticas públicas.

No último capítulo, as autoras problematizam e respondem como as mulheres analfabetas, pouco ou não escolarizadas, inscrevem suas heranças em uma sociedade que privilegia a escrita. Elas também buscam entender, por meio das narrativas das entrevistadas, o que as aproxima e as distanciam de suas filhas, lembrando a metodologia da pesquisa. As autoras mostram que essas mulheres realizam atividades cotidianas grafocêntricas, como ir ao mercado e pegar ônibus, sem ajuda, e usam principalmente estratégias orais para se firmar na sociedade e continuar suas tarefas. Elas influenciam suas famílias a buscarem maior escolarização. Outra estratégia adotada por elas é recorrer a escribas para tarefas como leitura e escrita de cartas, compras e documentos, sendo essas escribas, na maioria dos relatos, outras mulheres da família ou da comunidade. As mulheres pesquisadas dialogam com suas heranças ao questionar sua condição de crianças antecipadas ao mundo adulto, às diferenças educacionais entre meninos e meninas, e ao buscar a Educação de Jovens e

Adultos. A apropriação das heranças educativas pelas filhas depende de suas predisposições e condições sociais, criando um movimento contínuo entre mães e filhas, que transmitem, reconfiguram e ajustam expectativas, influenciadas por fatores políticos, econômicos, culturais e sociais. As autoras concluem que o discurso de oferecer às filhas o que não tiveram se refere principalmente à educação escolar, pois elas se orgulham de transmitir certos valores, como as crenças e o respeito aos relacionamentos herdados de seus antepassados.

Finalizada a descrição da obra, passamos à atribuição de seu valor. O primeiro capítulo do livro, embora fundamental para compreender a metodologia e o processo de pesquisa, apresenta algumas falhas. Ao expor as narrativas e vivências das mulheres entrevistadas, intercaladas com informações técnicas, o texto acaba por sobrecarregar o leitor, o que pode diluir o impacto das falas dessas mulheres. Outro ponto negativo é que, ao discutir o avanço educacional das mulheres, especialmente no contexto de dar visibilidade às formas como as mulheres analfabetas se impõem no mundo, seria interessante que as entrevistadas tivessem a oportunidade de opinar sobre como percebem seu próprio progresso educacional, proporcionando uma visão mais rica e pessoal sobre os avanços ou desafios enfrentados. Além disso, a autora utiliza, em alguns momentos, termos em outras línguas sem traduzi-los, o que dificulta a compreensão plena do conteúdo.

Entretanto, o texto possui vários pontos positivos que enriquecem a compreensão do tema abordado. As autoras fazem uso de imagens, gráficos e mapas para tornar os dados sobre analfabetismo mais compreensíveis, explicando como a pesquisa foi metodologicamente organizada. Incluem um genograma das mulheres analfabetas e suas filhas, que apresenta de forma clara as dinâmicas familiares, com informações sobre idade, filiação, série cursada e motivos do abandono escolar, ajudando a compreender as causas do analfabetismo e as heranças educativas. A análise das dicotomias entre o que pensam as políticas públicas e a visão das mulheres beneficiadas por essas políticas sobre elas mesmas e sobre as demais mulheres também é um fator importante do texto, assim como a recapitulação final das principais ideias e dos resultados da pesquisa. Destaque maior, no entanto, deve ser dado para a forma como as autoras conceituam de maneira clara as ideias de herança, analfabetismo e alfabetismo.

Ao final, podemos afirmar que a obra cumpriu plenamente os objetivos propostos, na medida em que ele expôs como as mulheres analfabetas transmitem e preservam seus ensinamentos e valores em uma sociedade que valoriza extremamente a escrita, bem como exibiu quais elementos da trajetória de vida dessas mulheres se assemelham ou se distanciam da vida de suas filhas no que diz respeito à educação. Portanto, é uma obra fundamental para a formação de professores e demais indivíduos atuantes na educação, devendo ser lida por alunos de pedagogia e de outros cursos, gestores escolares e responsáveis por criar políticas públicas educacionais.

Referências

MORAES, Marileia Golfo de; SCHWENGBER, Simone Vione. *Heranças educativas do analfabetismo de mulheres*. Curitiba: Appris, 2020.

Sumário de *Legados Educacionais Femininos*

Início de conversa

1. Espaços, tempos, sujeitos, e opções teórico-metodológicas
 2. Heranças educativas do analfabetismo de mulheres: aproximações do século XXI
 3. Configurações das heranças educativas de mãe para filha
 4. Reconfigurações das heranças educativas das filhas de mulheres analfabetas
 5. As heranças educativas e os percursos escolares: “ não mais” analfabetas, “ ainda não” plenamente escolarizadas
- “Concluimos” e aprendemos

Resenhista



Mikaelly Jheyne Santos cursa licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). ID LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3640942264049100>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1055-2594>; E-mail: mikajheyne@gmail.com.

Para citar esta resenha

MORAES, Marileia Golfo de; SCHWENGBER, Simone Vione. *Heranças educativas do analfabetismo de mulheres*. Curitiba: Appris, 2020. 153 p. Resenha de: SANTOS, Mikaelly Hheyne. Bem-dito legado. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 22, p. 6-10, mar./abr., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).